

PRONOMES LOCATIVOS EM CONSTRUÇÕES DO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

Mariângela RIOS DE OLIVEIRA

Universidade Federal Fluminense
mariangela.rios@terra.com.br

Resumo

Descrição e análise de construções nominais e verbais do português contemporâneo formadas por pronomes locativos. Abordagem de tais formações com base na perspectiva da gramaticalização, tratando-as como estágio mais avançado de um *cline* que faz com que arranjos do nível lexical passem a assumir funções no âmbito pragmático-discursivo. Nessa trajetória, sentidos mais objetivos (espaciais) são recrutados para a articulação de sentidos mais subjetivos ou intersubjetivos (lógico-textuais). Destacam-se as relações metonímicas na convencionalização e uso dessas microconstruções.

Palavras-chave

pronomes locativos; construções nominais; construções verbais; português contemporâneo.

Introdução

Com base na compatibilização de duas vertentes teóricas – a funcionalista (na linha de Traugott, Bybee, Heine, entre outros) e a cognitivista (conforme Croft e Goldberg) – nossa proposta é descrever e analisar o modo pelo qual os pronomes locativos mais frequentes do português contemporâneo do Brasil – *aqui, aí, ali* e *lá* – atuam e concorrem para configurar determinados padrões construcionais da língua.

Partimos do pressuposto de que esses padrões são resultantes de ritualizações, de modos de dizer que vão se tornando fixos na comunidade linguística. Trata-se, conforme Noël (2007), de esquematizações que se gramaticalizam, de sentidos mais lexicais que, por inferência sugerida (TRAUGOTT; DASHER, 2005), via estratégias de subjetificação e de intersubjetificação, são tomados para propósitos mais pragmático-discursivos, na expressão de relações lógicas voltadas para a expressão de desejos e crenças ou ainda para a persuasão. Nesse sentido, teríamos um processo iniciado pelo modo *bottom-up*, que, posteriormente, via ritualização ou convenção, passa a uma articulação *top-down* (GOLDBERG, 1995, p. 27).

Tais padrões classificam-se como formações nominais, do tipo SN + loc (*um menino lá; meu amigo aqui*) ou verbais, como SV + loc (*vamos lá; sei lá*) ou loc + SV (*daqui vem, daí vem*). Trata-se de formações nomeadas como microconstruções por Traugott (2007), ou seja, como esquematizações de menor nível que concorrem para a articulação de outras mais abrangentes – as meso e as macroconstruções. Assim, nossos objetos de pesquisa têm dimensão mais restrita, funcionando como mais um constituinte na elaboração de sequências textuais e de gêneros discursivos. Esses ambientes linguísticos mais amplos, por pressões metonímicas, acabam por selecionar determinadas construções, motivando também sua frequência. Na perspectiva da gramaticalização de construções, como a *aqui* assumida, tais contextos mais amplos concorrem ainda para a própria definição ou não de um padrão construcional mais gramatical, uma vez que a mera adjunção de nomes e verbos a um locativo não é condição suficiente para tal classificação.

Nossa análise parte de um dos constituintes construcionais – o pronome locativo, com base na constatação de que o sentido construcional, ainda que não se limite à soma do sentido de cada um dos constituintes, resulta também da consideração destes. Assim, como Goldberg (1995; 2006), entendemos que, em que pese a distinção intrínseca das construções estudadas, a seleção de um dos locativos (*aqui, aí, ali* ou *lá*) junto ao SN ou ao SV concorre não só para a delimitação do viés formal como para o sentido da construção, na fixação do elo de sua correspondência simbólica (CROFT, 2001, p. 18).

Como as construções que aqui nos interessam tendem a se instanciar em contextos de maior interação ou informalidade, tomamos como *corpus* materiais escritos e falados pela comunidade estudantil e de nível superior do Rio

de Janeiro¹ e textos que circulam na internet, em blogues e páginas de revista *on line*. Procedemos a uma análise eminentemente qualitativa, embora tenhamos levado em conta questões atinentes à frequência de uso.

Dividimos o artigo em três seções maiores. Na primeira, dedicamo-nos à classe dos pronomes locativos, no tratamento de sua feição híbrida e de seu estatuto gramatical não-prototípico, com destaque para aspectos relativos à expressão do localismo. Na segunda, tratamos das construções nominais formadas por esses pronomes, com ênfase na função clítica que vão assumindo. Na terceira, observamos as construções verbais e o modo pelo qual os locativos se integram, semântico e sintaticamente, a essas construções, bem como analisamos os contexto favorecedores destes usos.

Pronomes locativos

Os pronomes locativos fazem parte tradicionalmente da classe dos advérbios. Conforme propõe Givón (2001), essa classe é a menos homogênea entre as demais do nível gramatical, tanto do ponto de vista semântico quanto do morfossintático. Tal heterogeneidade é incrementada pelo fato de os advérbios funcionarem num plano de utilização da língua que oscila entre o campo do léxico e a área da gramática, normalmente composto por elementos que assumem funções voltadas para a organização interna do texto ou para a orientação argumentativo-pragmática. De fato, o rótulo *advérbio* designa um conjunto muito diferenciado de elementos, constituindo uma categoria fluida, que tende a se adaptar aos propósitos comunicativos envolvidos nas práticas interacionais.

Na descrição tradicional do português, encontram-se comentários acerca da *extrema mobilidade semântica e funcional que caracteriza os advérbios* (BECHARA, 1999, p. 288). Camara Jr (1976, p. 123), ao identificar usos conectivos de determinados advérbios, alerta para *certas diretrizes* que devem ser *pesquisadas, descritas e classificadas* no tratamento dessa categoria, a fim de que se retire de sua abordagem a marca da arbitrariedade com que, em geral, é descrita.

Mesmo nos estudos mais recentes sobre a língua portuguesa do Brasil (ILARI et alii, 1990; NEVES, 1992, 2000; CASTILHO, 2010), a categoria adverbial é caracterizada como uma classe pouco nítida, de contornos difusos, integrada por membros distintos, incapazes de compartilhar certo conjunto de traços comuns. No caso dos pronomes locativos, a imprecisão categorial manifesta-se de modo ainda mais acentuado. Integrantes de um grupo marginal dentro de uma classe imprecisa, os locativos são classificados como itens *não-predicativos* (ILARI et alii, 1990) ou *não-modificadores* (NEVES, 2000), uma

¹ Os trechos de estudantes são levantados no *Corpus* “Discurso & Gramática” – a língua falada e escrita no Rio de Janeiro e em Niterói, disponível no site www.discursoegramatica.letas.ufrj.br; os trechos de usuários de nível superior são registrados do *Corpus* NURC – Norma Urbana Culta, disponível no site www.letas.ufrj.br/nurc-rj/

vez que tendem a não alterar ou afetar a significação do constituinte verbal, o elemento sobre o qual, via de regra, incidem. Nesse sentido, os locativos são entendidos com um tipo de advérbio mais livre e, portanto, mais autônomo, em comparação a outros, como os de modo, por exemplo.

Por outro lado, um olhar mais atento sobre certas ordenações em torno desses pronomes nos revela justamente a forte integração desses constituintes a determinados nomes e verbos, na formação de construções, como em:

(1) *tem a última sala... que é mais pra:... acho que é pra:... sei lá... o terceiro período...* (D&G - fala)

Em (1), detectamos uma construção, formada pela forma verbal cognitiva *sei* e o locativo *lá*, numa expressão altamente vinculada que articula referência negativa ou informação não relevante. Trata-se de um arranjo tão sistematizado no português contemporâneo que fez com que Bechara (2004), em seu mais recente compêndio gramatical destinado ao ensino médio e ao fundamental da língua portuguesa, o incluísse entre os “advérbios de negação”, ao lado da partícula *não*, numa proposta inédita em termos da abordagem tradicional da gramática. Para os usos construcionais como o apresentado em (1), não se aplicam os traços mais comumente associados à classe dos advérbios aos pronomes locativos, já que estes se encontram altamente integrados, formal e funcionalmente, ao SN ou ao SV que acompanham.

Como traços adicionais da subclasse dos locativos, que confirmam sua marginalidade característica em relação aos demais advérbios, citam-se a natureza pronominal e a foricidade de que se revestem. Trata-se de proformas que, em geral, têm o papel adicional de elementos de coesão, a serviço da progressão informacional, seja como mecanismo anafórico ou catafórico.

Segundo nossa perspectiva, em conformidade com a linha teórica funcionalista assumida, entendemos os advérbios pronominais locativos como constituintes de uma subclasse da classe prototípica adverbial (TAYLOR, 1995). Assim interpretados, a partir de um eixo básico central, que leva em conta a frequência de uso, a referência de lugar físico e a ordenação pós-verbal, consideramos que os pronomes locativos referidos ocupam ponto distinto na classe dos locativos, mais ou menos próximo a esse eixo nuclear. A pesquisa que temos desenvolvido (OLIVEIRA, AGUIAR, 2009; OLIVEIRA, 2010; OLIVEIRA, 2009) nos permite postular que *ali*, por partilhar, em maior número de casos, os três traços acima referidos, apresenta-se como o locativo adverbial mais prototípico; após, encontram-se *aqui* e um pouco mais distante, *lá*; num ponto marginal da classe dos advérbios, situa-se *aí*, item com maior tendência à polissêmia, à gramaticalização e à ordenação pré-verbal.

Essa mobilidade categorial dos pronomes adverbiais fica reforçada se levarmos em conta que, via de regra, a efetiva expressão de lugar, em português, está contida no próprio constituinte verbal, como comprovam os sintagmas *vir aqui*, *chegar aqui*, *sair (d)aqui*, *partir (d)aqui*, *andar aqui*, em que as dis-

tinções situacionais se expressam pelo primeiro elemento de cada expressão. Desta forma, os pronomes locativos atuam, na verdade, como *reforço situativo-comunicativo* (BATORÉO, 2000, p. 422), em papel secundário em termos de referenciação locativa.

Assim, da expressão dêitica, localista, externa, podem esses advérbios assumir sentidos menos concretos, e já em plano textual, atuar na articulação de referência endofórica, em função anafórica, mais comumente, ou catafórica. Conforme prevê o processo de gramaticalização, de acordo com Heine e Kuteva (2007) e Haspelmath (2004), a partir desses papéis textuais, alguns advérbios, em avançado estágio de polissemia, migram para outras classes, como a dos conectores ou operadores, ou ainda a dos especificadores ou clíticos. Nesse processo de gramaticalização, não raro os pronomes locativos encontram-se fortemente associados a SN ou SV, em arranjos construcionais.

Observamos que a localização na classe dos advérbios e a tendência à polissemia e à gramaticalização dos locativos são dependentes de alguns fatores. Um deles está ligado à frequência de uso: itens mais recorrentes tendem a certo *desgaste* ou *perda de valor informacional* (DAHL, 2001); por outro lado, essa perda de conteúdo referencial é compensada por ganho de conteúdo gramatical. Assim, *aí* e *lá*, locativos muito recorrentes na expressão do português contemporâneo, de modo mais contundente estão propensos a, uma vez desgastados no trato linguístico, passarem a assumir papel mais gramatical, migrando para classes menos lexicalizadas, na formação de construções nominais, como em *um livrinho aí* ou *uma doença lá*, e construções verbais, como *aí vem* e *sei lá*

Outro fator interveniente na migração categorial dos locativos diz respeito à *granulidade*, termo oriundo da Inteligência Artificial, de acordo com Batoréo (2000, p. 439), que *define as diferenças nas regiões-de-vizinhança dos conjuntos*. Segundo esse entendimento, os locativos podem ser distribuídos pelos dois subsistemas de granulidade – vasta ou fina/estreita. No português do Brasil, do primeiro subsistema, é usado regularmente *lá*, que traz a marca da imprecisão e da indefinição situacional; assim, sua polissemia e conseqüente gramaticalização em construções como *quero lá*, *vá lá* ou *(um) cara lá* podem ser interpretadas como resultado da vasta granulidade que lhe é característica. Em alguns casos, devido, talvez, à sua maior imprecisão semântica, o locativo tende a expressar negação, como no sintagma *sei lá*, do fragmento (1).

Por outro lado, a tríade *aquí*, *aí*, *ali* participa do subsistema de granulidade fina ou estreita, pois a localização, nestes casos, é referida com maior pontualidade e precisão. Dos três itens, os usuários tendem a trabalhar com o par dicotômico *aquí* x *ali*, na referência ao que está mais próximo ou distante, respectivamente, do emissor, conforme o sistema conceptual egocêntrico do português. Provavelmente por conta dessa característica de uso, nossa investigação tem mostrado que *aquí* e *ali* são os termos menos propícios à polissemia e gramaticalização, comparados a *aí*.

Construções nominais

Definimos a construção SN + Loc como um arranjo altamente vinculado, tanto do ponto de vista semântico quanto sintático, em que o locativo assume, nos termos de Tavares (2009), o papel de *marcador de especificidade*. Nessa função, o locativo passa a atuar como uma forma clítica (PAIVA, 2003; BRAGA, PAIVA, 2003), em que a indissociabilidade em relação ao SN se caracteriza pela ausência de pausa e pela não possibilidade de inserção de outro constituinte entre SN e locativo.

Trata-se de um padrão construcional que admite a incorporação de distintos constituintes locativos pós SN. Essa distinção motiva efeitos de sentido variados, como em:

(2) *apareceu um::... um... negócio nas costas dele que ele não sabia o que que era... aí ele foi ao médico... aí o médico olhou e falou que era **uma doença lá**... alguma coisa que ele ia ter que o/ eh... fazer uma cirurgia...* (corpus D&G – fala)

(3) *isso me lembra de **um amigo aqui** que... trabalhava aqui com a gente...* (D&G – fala)

Os fragmentos (2) e (3), extraídos de Oliveira e Aguiar (2009), ilustram a construção SN + Loc formada a partir, respectivamente, dos pronomes *lá* e *aqui*. A distinta perspectivização dos dois pronomes – maior proximidade de *aqui* e maior distanciamento de *lá*, concorre para efeitos de sentido também distintos. Assim, em (2), *uma doença lá* se encontra numa relação coesa e coerente com outras referências genéricas ou indefinidas do mesmo trecho, como *um negócio nas costas dele* e *alguma coisa que ele ia ter*. Por outro lado, em (3), na construção *um amigo aqui*, o sentido de proximidade em relação ao emissor encontra-se também nas expressões *isso me lembra* e *trabalhava aqui com a gente*.

Em termos de frequência, contudo, observamos maior tendência ao uso de *lá* na construção SN + loc. Em Aguiar (2010), dos 78 dados coletados desse padrão no *Corpus* D&G das cidades do Rio de Janeiro e de Niterói, em 44 dos casos a construção se estrutura com a posposição do pronome *lá*, contra 17 ocorrências de *aí*, 13 de *ali* e apenas quatro dados de *aqui*. Interpretamos tal tendência como motivada pela granularidade vasta do locativo *lá*, que lhe confere o traço da imprecisão, com a instauração de um interessante efeito de sentido que bem se presta à articulação de declarações pouco categóricas ou comprometedoras, como em (2).

Da perspectiva da mudança linguística, consideramos a função clítica dos pronomes locativos nas construções nominais como derivada do *cline* dêixis > foricidade > cliticização, numa trajetória de crescente abstratização da referência locativa e o do papel adverbial. Os três usos convivem no português contemporâneo do Brasil, com história mais ou menos recente na língua, tal como exemplificamos a seguir, com trechos de fala do *corpus* D&G:

- (4) *isso é um assalto... você me dá o seu dinheiro que você tem aí:: e esse relógio aí'...*
- (5) *ele conheceu um... **um cara lá** em Friburgo... que roubaram o carro dele... há pouco tempo aqui em Fri/ aqui no Rio...*
- (6) *minha escola é legal... eu gosto de alguns professores... tem professores ruim [...] porque **a diretora dali** é muito rígida..."*
- (7) *porque a diretora disse que ela teve que comprar eu acho que **uns cinco livros aí**... porque ninguém estava pagando caixa escolar...*

Em (4), no relato de um assalto, o emissor usa o discurso direto para reproduzir a fala do assaltante; nesse discurso, o pronome *aí* aponta, em função dêitica, o objeto a ser levado – o relógio da vítima. Nos fragmentos (5) e (6), em função fórica, os locativos *lá* e *ali*, respectivamente, relacionam-se a constituinte a ser referido, em movimento catafórico (*em Friburgo*), ou já referido, em papel anafórico (*minha escola*). Já em (7), numa etapa considerada mais avançada na trajetória desses usos, encontramos a efetiva construção SN + loc, em que prevalece a maior integração desses dois constituintes, na formação de uma só unidade de sentido e forma.

Ao propormos a escala de gramaticalização *dêixis > foricidade > cliticização*, ilustrada nos exemplos de (4) a (7), assumimos um viés interpretativo que contrasta em relação à proposta de Braga e Paiva (2003, p. 211). Segundo essas autoras, o papel clítico de *aí* (o pronome pesquisado por elas) seria resultante de uma distinta trajetória, que derivaria diretamente da função dêitica, sem ponto de aterrissagem na função fórica. Assim, para Braga e Paiva, haveria um fenômeno de *poligramaticalização* em torno do uso de *aí* – um processo de mudança gramatical derivado diretamente da função dêitica, que originaria o clítico, e outro processo derivado da função fórica, que motivaria a função conectiva.

Com base em nossas análises (OLIVEIRA, AGUIAR, 2009; AGUIAR, 2010), a partir da incorporação dos outros pronomes locativos na pesquisa da construção SN + Loc, consideramos mais coerente, econômico e produtora a proposição de uma trajetória de derivação para a função clítica que passe pela fórica. A partir do papel fórico é que teríamos, de fato, duas vias de gramaticalização: a clítica e a conectiva.

Assim interpretada, a função clítica dos pronomes locativos é entendida como o ponto de chegada de um processo de crescente integração, uma etapa de gramaticalização desses constituintes em que a perda de traços da categoria adverbial é compensada pelo ganho de traços da classe dos especificadores, num estágio mais avançado do nível gramatical. A construção SN + Loc tem forte motivação pragmática e é, em geral, usada em contextos de modalidade falada e de menor grau de formalidade, como os fragmentos exemplificados nesta seção.

Do ponto de vista estrutural, a construção SN + Loc tem o SN formado por um elemento determinante, que, morfologicamente, é articulado como artigo indefinido em seu uso não-marcado, conforme observamos nos dados. Em (7), na construção *uns cinco livros aí*, identificamos um tipo construcional considerado variante desse padrão não-marcado, com a ocorrência da flexão de número no SN e a inserção de outro determinante posposto ao artigo, o numeral *cinco*. Do ponto de vista semântico-pragmático, o locativo *aí* em variantes construcionais como (7) atua também com função modalizadora, concorrendo para a imprecisão informacional, para a não adesão total do emissor ao que é veiculado, no caso, a quantidade de livros declarada.

Já em (4), apresentado aqui como etapa anterior na trajetória da construção SN + Loc, o SN é formado com o demonstrativo *esse*, na articulação da função dêitica, em consonância com o papel anafórico da expressão, portanto, veiculando informação já prevista ou conhecida. O *status* gramatical do determinante do SN pode, nesse sentido, nos auxiliar na identificação e na proposição da efetiva construção SN + Loc, como mais um fator a favorecer, ou não, a abordagem construcional da referida expressão. Assim, podemos dizer que determinantes portadores de referência mais específica na formação do SN, como demonstrativos e afins, concorrem para a não abordagem desta estrutura como a efetiva construção SN + Loc, nos temos que estamos aqui assumindo.

Construções verbais

As construções verbais compostas por locativos são tratadas aqui a partir de dois tipos básicos: Loc + SV e SV + Loc. Definimos essas construções, inspirados em Goldberg (1995; 2006), como um tipo de pareamento função – forma altamente vinculado, em que a referência tanto do SV quanto do locativo encontram-se bastante abstratizadas, na articulação de um terceiro e distinto sentido, forjado metaforicamente pelo ambiente estrutural específico de sua ocorrência, conforme Traugott (2007; 2003).

Consideramos também que as construções verbais integradas por pronomes locativos são resultantes de processo de gramaticalização. Nesse processo, como Traugott e Dasher (2005), entendemos que pressões metonímicas atuam para a fixação e sistematização de um tipo de unidade semântico-sintática cumpridora de função gramatical, como elemento de conexão sintática ou textual, ou de função pragmática, na expressão de crenças, valores, modalidade, entre outros.

Ilustramos a função gramatical da construção Loc + SV com os exemplos (7) e (8), retirados de seções de cartas de leitores:

(8) *...subserviência não é postura de gente livre. É coisa de escravo. Parabéns, Alexandra, e prepare-se, porque **aí vem** chumbo grosso.* (Revista Veja)

(9) *Lula e seu governo se acovardaram diante das ameaças e trataram de atender rapidamente às exigências do MST. Adiantou? Nada. **Aí estão** as invasões, inúmeras, inclusive de propriedades comprovadamente produtivas.* (O Globo)

Em ambos os fragmentos, as expressões *aí vem* e *aí estão* antecedem SNs de referência abstrata, o que favorece a abordagem construcional das mesmas. O sentido abstratizado desses SNs se correlaciona com o sentido também abstratizado dos SVs *vem* e *estão*, bem como o do locativo *aí*. No trecho (8), *chumbo grosso* tem sentido metaforizado, na articulação de referência a algum tipo de pressão ou de situação adversa; a construção *aí vem* anuncia o problema declarado na sequência, de certa forma “preparando” o interlocutor para essa situação negativa. Em (9), a construção *aí estão* introduz um SN mais complexo, em torno do núcleo *invasões*; com o uso desta construção, o emissor, numa estratégia de forte marca interacional, apresenta aos demais leitores do jornal um argumento, considerado relevante, para a sustentação de seu ponto de vista. Trata-se, em ambos os fragmentos, da atuação da construção Loc + SV no nível pragmático-discursivo, em sequências caracterizadas por forte tom opinativo.

Em termos estruturais, a construção Loc + SV, em sua forma não-marcada, tal como ilustrado em (8) e (9), antecede o sujeito da cláusula em que ocorre. Trata-se de uma ordenação não condizente com a prototípica sintaxe portuguesa, na qual o sujeito se antepõe ao predicado. Nesse sentido, consideramos que o SN posposto, na efetiva construção Loc + SV, está mais afastado do eixo central da categoria “sujeito”, uma vez que se encontra destituído de traços comuns e frequentes desta classe, como: anteposição ao verbo, referência humana e agentiva, veiculação de informação dada, papel temático, entre outros (FURTADO DA CUNHA, OLIVEIRA, MARTELOTTA, 2003).

O segundo padrão construcional se organiza em torno de SV + Loc. Ilustramos a funcionalidade desse arranjo semântico-sintático com a construção *vamos lá*, conforme descrita e analisada em Teixeira (2010). Interpretada como UPF de natureza pragmática, conforme Erman e Warren (2000), essa construção, no português contemporâneo do Brasil, pode ser considerada em estágio avançado de um tipo de uso, interpretado como mais antigo na língua, em que tanto a forma verbal quanto o locativo cumprem função mais prototípica. Os exemplos (10) e (11) ilustram, respectivamente, esses dois estágios rumo à sistematização da construção SV + Loc:

(10) *ah... eu fui a uma casa antiga... uma casa que pertencia a uma família amiga... então eles queriam que nós fôssemos visitar aquela... aquele solar e... antes de eles venderem queriam que a gente conhecesse... eu “pois não... vamos lá”... quando eu estou caminhando vendo aquelas... aqueles quartos imensos... aquela casa muito grande eu ouço descerem a escada... plom plom plom plom... ninguém morava lá... ((risos) (NURC)*

(11) *Uma charge na revista New Yorker de algum tempo atrás mostrava um cidadão da Roma antiga que, ao datar um documento, faz um gesto de desconsolo e se lamenta: “Esqueci de novo! Pus a.C. em vez de d.C.”. Explicar a graça de uma piada é a melhor forma de desmoralizá-la, mas, vamos lá, abramos uma exceção. O romano cometia o mesmo erro, hoje tão comum, de ao emitir um cheque, no começo do ano, repetirmos a data do ano que terminou. (Revista Veja)*

Em (10), numa sequência narrativa, o usuário conta sua visita a uma casa sombria. Nesse relato, interpretamos *vamos lá* não como uma efetiva construção, mas sim como um predicado verbal, em que o verbo de deslocamento físico *ir*, flexionado na primeira pessoa do plural, refere-se efetivamente à ida do emissor e de seu(s) acompanhante(s) a *uma casa antiga*, espaço este que é anaforicamente retomado por intermédio do advérbio *lá*. Já em (11), numa sequência expositiva, o articulista de *Veja* comenta acerca dos equívocos cometidos pelas pessoas em geral ao longo dos séculos; em meio a seu comentário, numa estratégia persuasiva, pede a adesão dos leitores com *vamos lá* a sua interpretação desses equívocos. Nesse segundo fragmento, tanto o verbo quanto o locativo encontram-se afastados de seu eixo categorial prototípico, em prol da formação de um arranjo construcional que funciona pragmaticamente, como um operador argumentativo, na veiculação e defesa da opinião expressa.

No fragmento a seguir, também extraído de fonte jornalística, num registro mais informal e em trecho de opinião, encontramos outra formação correspondente:

(12) *Colocar a culpa do interrogatório - que ele mesmo fez- nos homens que comanda, vá lá! Mas querer ser irônico e irresponsável perante uma situação que ele próprio ajudou a construir...* (Jornal do Brasil)

Em (12), o leitor do JB usa em sua carta a construção *vá lá* no final do período, após pausa e acompanhada por exclamação, num trecho em que critica a atuação de um delegado de polícia. Trata-se de uma estratégia de cunho pragmático, que o emissor faz um tipo de concessão, modalizando sua declaração. Nos termos de Traugott e Dasher (2005), estamos diante de uma estratégia marcada por *inferência sugerida*, em que a construção *vá lá* tem papel relevante como marca de *intersubjetificação*, ao sinalizar para os demais leitores do jornal a condescendência do emissor, sua disposição em fazer alguma concessão aos atos do delegado: culpar subordinados pode se admitir (*vá lá*), mas ironia e irresponsabilidade públicas não.

Em relação aos dois padrões de construção verbal aqui tratados, temos indícios de que a construção SV + Loc situa-se num nível de gramaticalização mais avançado em relação à construção Loc + SV. Enquanto esta segunda cumpre, via de regra, função sintática, integrante de predicado, sendo, inclusive, sucedida por SN que lhe complementa, a primeira (SV + Loc) atua basicamente como elemento de conexão textual-discursiva, no nível pragmático, meio “descolada” da estrutura sintática. De todo modo, trata-se de um resultado ainda a ser confirmado de modo mais efetivo.

Considerações finais

A investigação de construções nominais e verbais compostas por pronomes locativos, na perspectiva da gramaticalização, tem permitido ampliar e

diversificar nossos horizontes de pesquisa. Uma das relevantes contribuições tem sido a compatibilização de pressupostos teóricos funcionalistas e cognitivistas a essa investigação, sua produtividade e pertinência para a interpretação dos achados.

Observamos que as construções nominais, em que pese a cliticização do locativo, configuradora de mudança linguística deste item, mantêm-se, de certa forma, no nível do léxico, uma vez que continuam a articular sentido mais referencial. Por outro lado, as construções verbais encontram-se em estágio mais avançado na trajetória de gramaticalização, por cumprirem funções no âmbito sintático ou pragmático-discursivo. Assim, podemos chegar ao seguinte *cline* desses objetos de pesquisa, rumo à crescente convencionalização: $SN + loc > SV + loc > loc + SV$. Tal derivação vincula os fenômenos de lexicalização e gramaticalização, diminuindo fronteiras, em busca de um tratamento mais amplo dos fenômenos linguísticos. ☐

Recebido em 25/01/2011. Aceito em 18/03/2011

OLIVEIRA, M. R. LOCATIVE PRONOUNS IN CONSTRUCTION OF CONTEMPORARY PORTUGUESE

Abstract

Description and analysis of nominal and verbal constructions of contemporary Portuguese formed of locative pronouns. Approach of these formations, based on the perspective of grammaticalization, make it them as more advanced level of a cline what makes that some arrangements of the lexical level comes to assume function in the pragmatic-discursive scope. In that path, significations more objectives (spatial) are recruited to articulation of more subjective or intersubjective meanings (logical and textual). Most prominent are the metonymic relations and use of these conventionalization micro-constructions.

Keywords

locative pronouns; nominal constructions; verbal constructions; contemporary Portuguese.

Referências

AGUIAR, M. T. *Padrões funcionais no uso dos pronomes locativos: uma abordagem construcional*. 162 p. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Instituto de Letras. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

BATORÉO, H. *Expressão do espaço no português europeu: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, 930 p.

BECHARA, E. *Gramática escolar da língua portuguesa com exercícios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, 708 p.

_____. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999, 669 p.

BRAGA, M. L.; PAIVA, M. C. Do advérbio ao clítico é isso aí. In: RONCARATI, C; ABRAÇADO, J. (org). *Português brasileiro – contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003, p. 206-212.

CAMARA, Jr, J. M. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976, 256 p.

CASTILHO, A. T. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010, 768 p.

CROFT, W. *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001, 448 p.

DAHL, O. 2001. Inflationary effects in language and elsewhere. In: BYBEE, J; HOPPER, P. (eds) *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001, p. 471-480.

ERMAN, B; WARREN, B. The idiom principle and the open choice principle. In: *Linguistic – an interdisciplinary journal of the language sciences*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, no. 2, p. 29-62, 2000.

FURTADO DA CUNHA, M. A; OLIVEIRA, M. R; MARTELOTTA, M. E. (org) *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, 140 p.

GIVÓN, T. *Syntax: an introduction*. Vol. I. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001, 500 p.

GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006, 280 p.

_____. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995, 265 p.

HASPELMATH, M. On directionality in language change with particular reference to grammaticalization. In: FISCHER, O; NORDE, M; PERRIDON, H (eds). *Up and down the cline – the nature of grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2004, p. 17-44.

HEINE, B; KUTEVA, T. *The genesis of grammar: A reconstruction*. Oxford: Oxford University Press, 2007, 418 p.

ILARI, R. et alii. 1990. Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, A. T (org). *Gramática do português falado: a ordem*. Vol. I. São Paulo: Editora da UNICAMP/ FAPESP, 1990, p. 63-141.

NEVES, M. H. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2000, 1037 p.

_____. Os advérbios circunstanciais de lugar e tempo. In: ILARI, R. (org). *Gramática do português falado: níveis de análise lingüística*. Vol. II. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992, p. 261-296.

NOËL, D. Diachronic construction grammar and grammaticalization theory. *Functions of Language*, 14:2, p. 177-202, 2007.

OLIVEIRA, M. R; AGUIAR, M. T. A trajetória advérbio > clítico no uso dos pronomes aí, ali, aqui e lá. In: OLIVEIRA, M. R; ROSÁRIO, I. (org). *Pesquisa em linguística funcional: convergências e divergências*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 2009, p. 142-152.

OLIVEIRA, M. R. Categorias cognitivas em debate: a trajetória dos pronomes locativos no português. In: LIMA-HERNANDES, M. C. (org). *Gramaticalização em perspectiva: cognição, textualidade e ensino*. São Paulo: Paulistana, 2010, p. 27-50.

OLIVEIRA, M. R. Pronomes adverbiais locativos em cartas do português: trajetória, ordenação e função. *Revista de estudos da linguagem*, v. 17, no. 1, 2009, p. 179-206.

PAIVA, M. C. Proformas adverbiais e encadeamento dêitico. IN: RONCARATI, C; ABRAÇADO, J. (org). *Português brasileiro – contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003, p. 132-143.

TAVARES, M. A. Metáfora e metonímia em processos de gramaticalização: o caso do “aí” marcador de especificidade. *Gragoatá*, no. 26, p. 103-120, 2009.

TAYLOR, J. R. *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*. Oxford: Clarendon Press, 1995, 267 p.

TEIXEIRA, A. C. M. *Padrões de uso de “vá lá” e “vamos lá” na norma brasileira do português: micro-construções e gramaticalização*. 153 p. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Instituto de Letras. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

TRAUGOTT, E. C; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, 341 p.

TRAUGOTT, E. C. The concepts of constructional mismatch and type-shifting from the perspective of grammaticalization. *Cognitive linguistics* vol. 18-4 Berlin-New York: Mouton de Gruyter, 2007, p. 523-557.

TRAUGOTT, E. C. Constructions in grammaticalization. In: JOSEPH, B; JANDA, R. (eds.). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell Publishing, 2003, p. 624-647.